

# Nível de emprego não deve melhorar de imediato

Tasso Marcelo/AE - 22/5/98

*Economista diz que, com o desenvolvimento, veio a modernização e redução da mão-de-obra*

GUSTAVO ALVES

**R**IO – O crescimento da economia brasileira não deve trazer de imediato melhoras no nível de emprego do País, na avaliação de economistas. A indústria e a agricultura, que devem impulsionar o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), reduziram sua mão-de-obra nos anos 90, para modernizar-se. Por isso, a abertura de novas vagas nos dois setores – que vão provocar novas contratações no comércio e nos serviços – será menos intensa do que era até a década anterior.

“Não que o crescimento desses setores não vá criar emprego”, salienta a economista Sheila Najberg, assessora da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

“Mas anteriormente, um crescimento de 3% do PIB garantia uma taxa de desemprego baixa”, recorda. “Hoje, este impacto pode não ser tanto.” “O impacto do desenvolvimento econômico no emprego é menor do que no passado”, constata a economista.

Com a abertura da economia brasileira, as fábricas nacionais tiveram de reduzir sua mão-de-obra para cortar custos e competir com produtos importados mais baratos. Na agropecuária, o maior emprego de máquinas foi diminuindo a necessidade de trabalhadores.

**Redução de vagas** – A comparação dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e da Pesquisa Men-



Sheila: “Impacto do desenvolvimento econômico no emprego é menor”

sal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra a redução de trabalhadores na indústria e na agricultura. Entre 1997 e 1998, o campo perdeu 432.575 trabalhadores e a indústria de transformação, 276.385, segundo dados do PNAD.

A perda de vagas nos dois setores também é apontada pela PME, realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do País (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo

Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre). De 1990 para 1999, o percentual de empregados da indústria de transformação caiu de 23,8% para 16,3% nestas regiões.

Para a consultora do IBGE Shyrlene Ramos de Souza, responsável pelo PME, a mecanização do campo, diminuindo o número de trabalhadores rurais, é uma “tendência irreversível”. Mas a redução de vagas na indústria pode ser em parte revertida. Ela lembrou que, além da modernização, as demissões no setor também foram causa-

das pelas elevações dos juros para enfrentar choques externos, como as crises asiática, em 1997, e russa, em 1998. Com a volta do desenvolvimento, a indústria pode retomar as contratações, especialmente se aumentar a fabricação de produtos que necessitam de mão-de-obra intensiva, como calçados, alimentos e bebidas. “Isso acontece no Rio Grande do Sul, por exemplo”, cita Shyrlene.

Paradoxalmente, o crescimento econômico também deve manter altos os índices de desemprego do IBGE neste ano. A taxa mede o número de pessoas que procuram emprego e exclui as que desistiram de procurar ocupação. Com a criação de vagas, este segundo grupo deve voltar a tentar entrar no mercado e manter o índice elevado.

Em dezembro, das 31.230.430 pessoas aptas para trabalhar nas seis maiores regiões metropolitanas, 16.828.277 não procuravam trabalho, e portanto não são computadas nas estatísticas de desemprego do IBGE. A taxa de desemprego aberto do instituto em dezembro, de 6,3%, referiu-se ao contingente de 1,118 milhão de trabalhadores que procuravam vagas. (AE)

**I**NDÚSTRIA E  
AGRICULTURA  
PERDERAM  
VAGAS